

por as soluções mais justas, conforme o seu modo de entender.

Sobretudo, saiba que são inimagináveis as possibilidades de socorro de um encarnado confiante no Alto e consciente de seus recursos íntimos, quando ligado aos Bons Espíritos que nos estendem a inspiração e o amparo da Vida Superior.

32

E — Cap. XVII — Item 10
L — Questão 875

Temas estudados:

Condomínio natural
Espírito de equipe
Alertamento espírita
Regra áurea e ação no bem
Esnobismo e Espiritismo
Exterioridades sociais

Em torno da regra áurea

Quanto mais se adianta o progresso, mais intensamente se percebe que a vida é um condomínio.

Partilhamos, em regime de obrigatoriedade, o ar ambiente e a luz solar que nunca estiveram sob nosso controle. E, em nos referindo aos bens que retemos na Terra, quando na condição de Espíritos encarnados, à medida que solucionamos as grandes questões de interesse coletivo, quais as da justiça, da economia, do trabalho, da provisão ou da moradia, mais impelidos nos reconhecemos a observar o direito dos outros.

Seja num edifício de apartamentos ou numa fila de compras, as nossas conveniências estão sujeitas à tranquilidade dos vizinhos.

Numa oficina, quanto mais importante se mos-

tre, a produção apenas surge no rendimento preciso se mantida na forma da música orquestral, atribuindo-se a cada instrumento a responsabilidade que lhe compete.

Civilização e cultura baseiam-se no espírito de equipe, com a interdependência de permeio.

Princípios idênticos prevalecem no reino da alma, convocando-nos o livre arbítrio ao levantamento da segurança e da felicidade de todos aqueles que nos comungam a experiência.

Sem nenhuma pretensão de natureza política, a Doutrina Espírita funciona, atualmente, no campo religioso da Humanidade, por mecanismo providencial de alertamento, induzindo-nos ao concurso natural e espontâneo na edificação do bem comum. Por séculos e séculos, conservamos no mundo ignorância e carência, guerra e criminalidade, em nome da Vontade de Deus; entretanto, o Espiritismo, restaurando a mensagem do Cristianismo, que veio estabelecer a fraternidade entre os homens, pergunta a cada um de nós se estaríamos realmente certos de viver sob a Vontade de Deus, se formássemos entre as vítimas da penúria e das trevas de espírito.

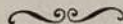
Vivemos agora gigantesco empreendimento de renovação.

Usemos todas as nossas possibilidades, sejam elas recursos ou aptidões, na construção dos tempos novos.

Solidariedade e cooperação, entendimento e concórdia, amor a deslocar-se da teoria para erguer-se na vida prática.

A regra áurea, para complementar-se devidamente, não se restringe à estrutura negativa, «não faças a outrem aquilo que não desejas», e sim exi-

ge plena observância da forma positiva em que se expressa: «é preciso fazer aos outros tudo aquilo que desejamos nos seja feito».



Esnobismo

Um exotismo existe que ameaça as fileiras espíritas sem ser qualquer das excentricidades que aparecem no movimento doutrinário, à conta de extravagância marginal.

Disparate talvez pior, porquanto, se nas atividades paralelas ao caminho real da ideia espírita somos impelidos a reconhecer muita gente caracteristicamente sincera nas intenções louváveis, nessa outra esquisitice vamos encontrar para logo a máscara de atitudes e maneiras, em desacordo com os princípios arejados da Nova Revelação.

Reportamo-nos ao esnobismo que comparece, muita vez, em nossas formações, qual praga enquistada em plantação valiosa.

Companheiros que se deixam vencer por semelhante prejuízo fornecem em pouco tempo os sinais que lhe são consequentes.

Continuam espíritas e afirmam-se espíritas, mas começam afetando possuir orientação de natureza superior, passando a excessiva admiração pelas novidades em voga. E, desprevenidamente, sem maior atenção pelos ensinamentos da Doutrina que abraçam, cristalizam despropósitos no modo de ser.

Habitualmente, apaixonam-se por exterioridades sociais e escolhem classe determinada para frequentar.

Isolam-se em grupo segregacionista, conquanto

se suponha representantes da mais alta ortodoxia em matéria de opinião.

Acreditam muito mais em títulos transitórios do academicismo e em facilidades econômicas do que no valor substancial das pessoas.

Estimam espetáculos acima de serviço, e evidenciam apreço além do que é justo aos medalhões do mundo, à medida que se fazem mais distantes e envergonhados de quaisquer relações com os humildes.

Estão sempre dispostos a ordenar no trabalho em assuntos de organização, horário, local e condições, sem permitir que o trabalho os comande nas disposições e disciplinas com que foi estabelecido.

Nas obras de beneficência, tratam irmãos em penúria como se fôsem párias sociais, ao passo que se inclinam reverentes perante qualquer figura de relevo mundano de mérito duvidoso.

Nós, os espíritas desencarnados e encarnados, devemos estar de sentinela contra semelhante absurdo.

O esnobismo — repitamos — é parasito destruidor na árvore de nossos princípios e realizações.

Vigiemo-nos. Imitemos o lavrador correto que zela pela própria lavoura, e, se o esnobismo surge, sorrateiro, em nossas atividades, procuremos, de imediato, dar o fora com ele.

33

E — Cap. IX — Item 5
L — Questão 887

Temas estudados:

Tolerância
Perdão no cotidiano
Indulgência
Resignação e paciência
Conformidade
Jesus e resignação

Perdão e nós

Habitualmente, consideramos a necessidade do perdão apenas quando alvejados por ofensas de caráter público, no intercurso das quais recebemos tantos testemunhos de solidariedade, na esfera dos amigos, que nos demoramos hipnotizados pelas manifestações afetivas, a deixar-nos em mérito duvidoso.

A ciência do perdão, todavia, tão indispensável ao equilíbrio, quanto o ar é imprescindível à existência, começa na compreensão e na bondade, perante os diminutos pesares do mundo íntimo.

Não apenas desculpar todos os prejuízos e desvantagens, insultos e desconsiderações maiores que nos atinjam a pessoa, mas suportar com paciência e esquecer completamente, mesmo nos comentários